

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE
BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 34

4, ABRIL, 1968

A TERMINOLOGIA DE PARENTESCO DOS ÍNDIOS
WAPITXANA

EDSON SOARES DINIZ (*)
Museu Goeldi

INTRODUÇÃO

Os Wapitxâna (Aruak) tal como os Makuxí (Karib), com os quais convivem pacificamente, localizam-se na zona campestre do Território Federal de Roraima e, também, na Guiana (1). Sua população é avaliada em cerca de mil ou mais indivíduos, em terras brasileiras. Estão estabelecidos em grupos locais *autônomos*, em propriedades pastoris, em povoados e na cidade de Boa Vista, núcleo urbano da área e capital do Território.

O contato com os *brancos* data, efetivamente, do século XVIII; embora desde a segunda metade do século anterior tivessem ocorrido penetrações nessa parte setentrional do país. Sendo acessíveis ao convívio interétnico mais do que seus vizinhos e então inimigos Makuxí, desde cedo sofreram as conseqüências dessa aproximação. Nos dias de hoje a irreversível dependência está grandemente aumentada e sua tendência é acentuar-se sempre.

De um modo genérico, a pressão sócio-cultural da sociedade envolvente sobre os Wapitxâna, é semelhante àquela a

(*) — Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

(1) — Gillin (1948:804) assim resume: *Wapishana (Warpeshana, Mapehshana, Wapisiana, Ouapichane, etc.)*. Now located on the savannas of southern British Guiana. Formerly, they occupied the basin of the Tacutu River (lat. 3°, long. 60° W.). In recent times they have invaded the plains of the middle Rio Branco and absorbed the Atorai and Paraviyana.

que estão submetidos os Makuxí que habitam o Território Federal de Roraima (2), variando a situação de contato desde a integração relativa até à total ambivalência (Diniz, 1967).

Esta sucinta informação restringe-se à terminologia de parentesco (3), como sugere o próprio título. Seu escopo visa ser menos uma pretensa contribuição, mais uma trilha de trabalho.

OS GRUPOS-LOCAIS VISITADOS (4)

As informações aqui registradas foram obtidas em setembro de 1965, durante curta permanência nos grupos-locais

(2) — Com referência aos Wapitxâna da Guiana, Butt (1965:85) assim se expressa: *Situated on the South Rupununi Savanas, south of the Kanuku Mountains; they lived on either side of the Takutu River, extending westwards into Brazil.*

Estimated population in 1946 was 2,200 approx. They have mixed with Taruma and Atorai Indians, so absorbing the last remnants of extinct tribes of the area. A few individuals still speak Taruma, which is closely related to Wapisiana. There is strong Scottish admixture due to the settlement of the Melville family in the area in the latter part of the 19th century.

A Roman Catholic Mission has its headquarters at Sand Creek.

There are several air strips: Wichabai, Aishalton, etc. The area and people have been much affected by the cattle farming of the Rupununi Development Company. Balata and cattle are the staple industries and the Wapisiana, besides being wages labourers, cowboys in particular, also own some cattle of their own. They are the most prosperous, most progressive and best adjusted of the British Guiana Indians.

(3) — Dados fragmentários encontram-se em Coudreau (1887) e Nimuendajú (1928). Maior soma de informações é apresentada por Hermann (1846) que, baseada nos dados colhidos por Dom Mauro Wirth, apresenta uma terminologia de "primos" do tipo *Eskimo* (Murdock, 1949) e na primeira geração ascendente identifica o irmão do pai com o irmão da mãe e a irmã da mãe com a irmã do pai. Alguns de nossos informantes assim o fizeram, porém entraram em contradição ao fornecer outras categorias genealógicas. Ainda é uma questão aberta para pesquisa mais demorada e que abranja maior número de grupos-locais.

(4) — Além de Barata e Serra da Mõça, estivemos em Pium (65 habitantes) e em Anta (52 indivíduos). Entrevistas informais em 1964, 1965 e 1966 sobre contato interétnico principalmente, foram feitas com moradores de propriedades pastoris, de povoados, de Boa Vista e dos grupos locais de Maiacacheta e Jacarim.

de Barata e de Serra da mõça (5), ambos relativamente próximos de Boa Vista. O primeiro deles está na "região do Taiano", junto da Colônia Agrícola Coronel Mota, a mais próspera do Território. O segundo, no sopé da serra do mesmo nome, na "região do Murupu", nas vizinhanças dos aglomerados populacionais de Botina, Anzol e Passarão, onde vivem paraibanos e seus descendentes. Os primeiros aí chegaram em princípios deste século. Esses dois aldeamentos indígenas são mais bem servidos de transporte rodoviário, principalmente durante o período seco.

Serra da Mõça tem uma população de 116 pessoas (6) e Barata, 154. As casas distribuem-se de modo irregular. São retangulares, chão batido, cobertura de palha de buri-tizeiro, cercadas com esse material e mais freqüentemente com barro. O idioma corrente é o português, somente os mais velhos dizem entender e falar fluentemente a língua nativa. Os nome pessoais são no vernáculo e cada sobrenome corresponde ao do pai. Com exceção de quatro famílias nucleares de Barata que tornaram-se "crentes" (protestantes) em janeiro de 1965, todos se consideram católicos. Num e noutro grupo-local apenas há famílias elementares e a monogamia é integralmente seguida. Os casais ou são "casados no católico" ou "amigados". Em Barata, por exemplo, entre vinte e oito casais dezesseis estão incluídos no primeiro caso e os restantes no outro. Há escola de alfabetização em ambas as aldeias. Em Barata teria iniciado em 1952 e em Serra da Mõça em 1946. Nesta estavam matriculados cinquenta e cinco alunos e naquela cinquenta e três, destes treze são filhos de brancos.

A agricultura de subsistência é a principal atividade. O método utilizado é a derruba e queima, o qual também é empregado pelos *civilizados*. A venda de sua força de trabalho, em serviços braçais eventuais, contribui para o au-

(5) — Esses dois grupos-locais pertencem ao grupo dialetal Tipikearí, havendo mais quatro: Vapidiana Verdadeiro, Karapiví ou Karapiã, Paravilhana e Aturaiú (Hermann, 1946:129-130).

(6) — Praticamente ligados à Serra da Mõça estão Truarú (48 pessoas), Morcêgo (34 indivíduos) e Serrinha (11 habitantes).

mento da renda oriunda da comercialização de seus escassos produtos roceiros. Em suas pequenas roças de quatro ou cinco "linhas" (25 m², em média), trabalham os familiares; fazem também a "troca de dia" ou "adjutório". Nestes, de caráter coletivo, bebem caxiri ou cachaça e à noite, quase sempre, há bailes ao som de sanfonas e pandeiros. Tanto Barata como Serra da Môça possuem "tuxaua". O chefe atual daquela foi indicado por um dos administradores da Colônia Agrícola Coronel Mota, aliás, padrinho de uma de suas filhas. O representante do Serviço de Proteção aos Índios, na época, conferiu-lhe a "patente", espécie de nomeação, destituindo o então dirigente. Este havia substituído seu pai, mas contra ele era alegado que "tinha pouco zelo pela maloca e bebia muita cachaça". O "tuxaua" de Serra Môça é substituto de seu cunhado e tio materno classificatório (7). Ambos êsses chefes têm bastante experiência com os *brancos*. O de Barata viveu cerca de dez anos em Boa Vista, tendo sido "cria" de uma das mais tradicionais famílias de Roraima; o de Serra da Môça, além de ter sido garimpeiro quando jovem, também foi soldado do Exército, em Manaus, durante três anos. Os dois têm rudimentos de alfabetização e são eleitores.

ANÁLISE TERMINOLÓGICA

A terminologia de parentesco dos índios Wapitxâna classifica todos os parentes em cinco gerações. A primeira geração ascendente é do tipo *fusão bifurcada*. Assim, o irmão do pai é classificado como pai (ráre) e a irmã da mãe como mãe (ráru), enquanto o irmão da mãe (ta:taí) e a irmã do pai (nan) são distintos dêles. Na geração de "Ego" os termos de "primos" correspondem ao tipo *Iroquês* (Murdock, 1949). Os primos paralelos (úrre; darucú, h.f.) são incluídos na categoria de *siblings*. Os primos cruzados (naône; na:nêrru, h.f.) são referidos diversamente daquêles

(7) — A relação de parentesco, de acordo com o informante, é a seguinte: o informante é filho da filha do irmão do pai do marido de sua irmã.

e correspondem a cunhado e cunhada. O irmão da mãe e a irmã do pai, por sua vez, são classificados como sôgro e sogra. Na segunda geração ascendente e na segunda geração descendente há fusão de terminologia. O pai do pai e a mãe do pai são designados pelos mesmos termos correspondentes ao pai da mãe (dacúrre) e à mãe da mãe (cucúi). Os filhos e as filhas dos filhos recebem idênticos designativos aos filhos e às filhas das filhas (tcáno). Na primeira geração descendente, "Ego" classifica os filhos e as filhas do irmão (dáne) como os seus próprios, enquanto designa os filhos e as filhas da irmã (dáne-quearrô) com um termo que pode equivaler a genro ou nora.

Examinando-se a terminologia de parentesco referida, verifica-se a existência de termos que podem abranger mais de uma posição genealógica. Como exemplo cita-se a categoria *ta:taí* que, como foi visto acima, é aplicada ao irmão da mãe e extensiva ao pai da esposa. Daí evidenciar-se que os Wapitxâna classificam essas duas posições genealógicas numa mesma classe de seus sistemas de relações. A estrutura terminológica reflete uma dicotomia nesse sistema de relações, dando-lhe a aparência formal de um *sistema de duas secções* (Dumont, 1953). Por sua vez, também fica indicada a existência da *troca direta* (Lévi-Strauss, 1949).

LISTA DOS TERMOS DE PARENTESCO (8)

- | | |
|--------------|----------------------------|
| 1. dacúrre | — pai do pai
pai da mãe |
| 2. cucúi (9) | — mãe do pai
mãe da mãe |

(8) — Na transcrição dos termos de parentescos Wapitxâna foram empregados símbolos com valores aproximados aos da ortografia da língua portuguesa. A vogal que precede um *n* é nesalizada. A duração é indicada com *:/* depois da vogal.

(9) — Termo semelhante (kokô) é usado pelos Makuxí (Diniz, 1965).

SUMMARY

This report is an attempt to describe some of the features of the Wapitxâna or Wapisiana kinship terminology. The data were collected in September, 1965, during few days in two Wapisiana villages (Barata and Serra da Mõça), both not very far from Boa Vista, capital of the Federal Territory of Roraima (Brazil). The Wapisiana (Arawak) are about one thousand people living in Roraima, they are inhabitants of this Brazilian area and of Guiana as well.

Today the Wapisiana culture and society are being greatly modified by the interethnic contact. The majority lives in Indian settlements and some are dispersed among the local people. Subsistence agriculture is still their main occupation. On the other hand, they exchange their labour to *whites*, for money.

The Wapisiana kinship terminology in the first ascendent generation is of the *bifurcate merging type*. Thus, the father's brother is classified with the father, and the mother's sister is classified with the mother, while the mother's brother and the father's sister are distinct of them. On the basis of cousin terminology the Wapisiana kinship is of the Iroquois type. Cross-cousins are referred by the same terms as the brother-in-law and sister-in-law. The father's sister and the mother's brother are classified as parents-in-law. Parallel cousins are classified like Ego's siblings.

LIST OF KINSHIP TERMINOLOGY (17)

1. dacurre	— FaFa/MoFa
2. cucúí (18)	— FaMo/MoMo
3. dáre (19)	— Fa/FaBr
pa:pai	
4. dâru	— Mo/MoSi
ma:mãi	
5. ta:tai (20)	— MoBr/FaSiHu/ WiFa/HuFa
6. anan (21)	— FaSi/MoBrWi/ WiMo/HuMo
7. úrre (22)	— Br (m.s.)
8. árre	— Br (w.s.)
9. darucu (23)	— Si (m.s.)
10. árru	— Si (w.s.)
11. naône	— FaSiSo/MoBrSo/ SiHu/WiBr/HuBr — FaSiDa (m.s.)/ MoBrDa (m.s.)/ BrWi (m.s.)/WiSi
12. ra:nêrru	

(17) — In the transcription of Wapisiana kinship terms were used the symbols as in Portuguese approximately. The vowel before a *n* is nasalized. The vowel length is /:/ . The letters in a parentheses (m.s.) and (w.s.) signify, respectively, man speaking and woman speaking.

(18) — Similar term (kokô) is used by the Makuxí (Diniz, 1965).

(19) — The possessive *un* is used before the reference terms, i.e., *un-dáre* (my father). In some cases, the syllable *ni* is intercalated between the possessive and the reference term, i.e., *un-ni-úrre* or *un-ni-árru*. The terms *pa:pai* and *ma:mãi* are of address.

(20) — Alternate term is *imiê-ducúre* (m.s.).

(21) — The same term is used by the Makuxí (Diniz, 1965). Alternate term is *imiêrru* (w.s.).

(22) — For elder brother is used *tiamin* or *titérru* (w.s.) and *tenêrru* (m.s.). For younger brother is used *tiamin-sud* or *dauê-tiam* (m.s.).

(23) — For the elder sister and younger sister are used *vivi* and *vivi-sud*, respectively.

3. dáre (10) — pai
pa:pai irmão do pai
4. dâru — mãe
ma:mãi irmã da mãe
5. ta:tai (11) — irmão da mãe
marido da irmã do pai
pai da espôsa
pai do marido
6. anan (12) — irmã do pai
espôsa do irmão da mãe
mãe da espôsa
mãe do marido
7. úrre (13) — irmão h.f.)
8. árre — irmão (m.f.)
9. darucu (14) — irmã (h.f.)
10. árru — irmã (m.f.)
11. naône — filho da irmã do pai
filho do irmão da mãe
marido da irmã
irmão da espôsa
irmão do marido
12. ra:nêrru — filha da irmã do pai (h.f.)
filha do irmão da mãe (h.f.)
espôsa do irmão (h.f.)
irmã da espôsa

(10) — O possessivo *un* antecede os termos de referência, por ex.: *un-dâre*. Em alguns casos, a sílaba *ni* é intercalada entre o possessivo e o termo de referência, por ex.: *un-ni-úrre* ou *un-ni-árru*. Os termos *pa:pai* e *ma:mãi* são vocativos.

(11) — Igualmente *imiê-dacúrre* (h.f.) é empregado para o sôgro.

(12) — Esse mesmo termo é empregado pelos Makuxí (Diniz, 1965). Também *imiêrru* (h.f.) é usado para a sogra.

(13) — Para irmão mais velho empregam *tiamin* ou ainda *titêrrre* (h.f.) e *tenêrrre* (h.f.). Para irmão mais novo usam *tiamin-sud* ou *dauê-tiam* (h.f.).

(14) — Para irmã mais velha e irmã mais nova empregam *vivi* e *vivi-sud* respectivamente.

13. ticarô — filha da irmã do pai (m.f.)
filha do irmão da mãe (m.f.)
espôsa do irmão (m.f.)
irmã do marido
14. dâne — filho
filha
filho do irmão (h.f.)
filha da irmã (m.f.)
15. dâne-quearrô (15) — filho da irmã (h.f.)
filha da irmã (h.f.)
filho do irmão (m.f.)
filha do irmão (m.f.)
16. dênêrru — espôsa do filho
17. dênêrrre (16) — marido da filha
18. tcáno — filho do filho
filho da filha
filha do filho
filha da filha
19. daiáre — marido
20. diaiáuru — espôsa

(15) — Termo que pode ser empregado para genro ou nora.

(16) — Há, também, o termo *tuanái* (h.f.).

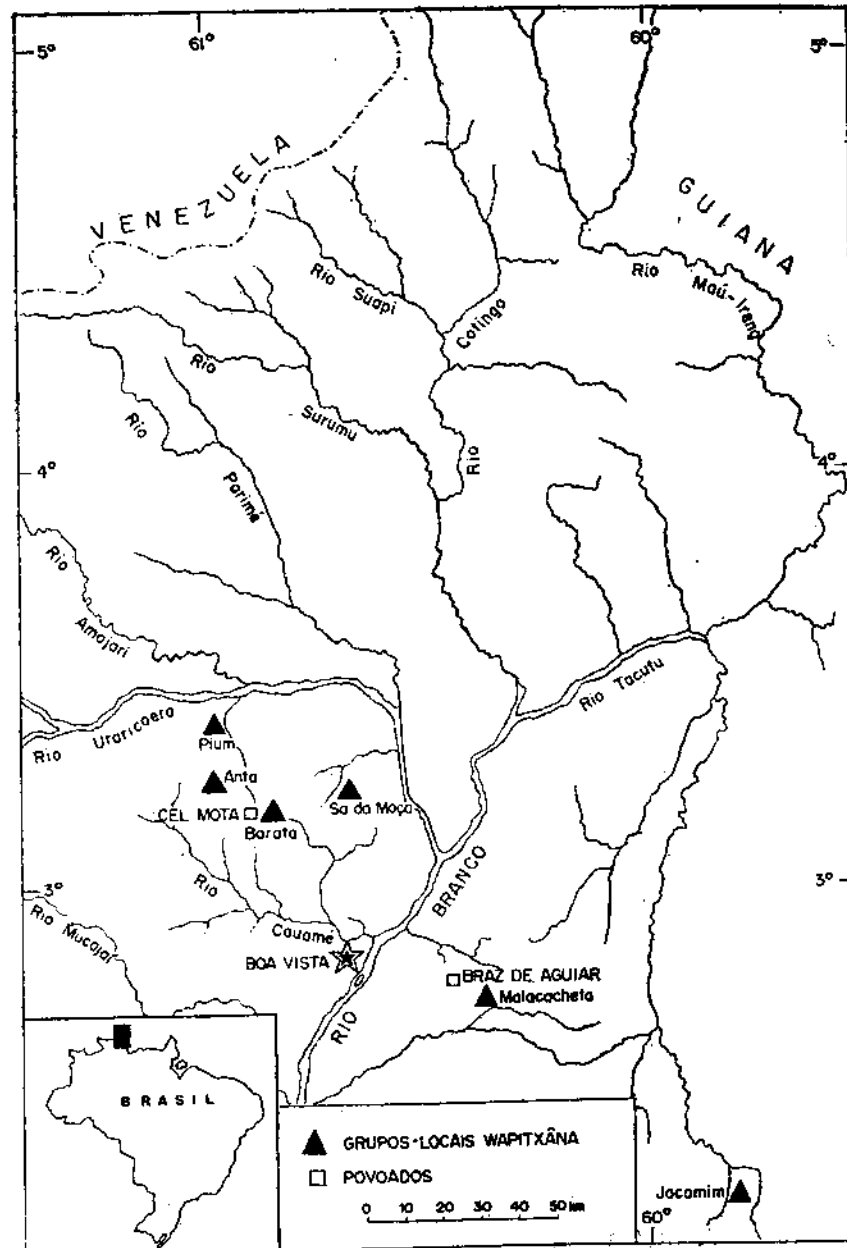
13. tiacarô — FaSiDa (w.s.)
MoBrDa (w.s.)/
BrWi (w.s.)/HuSi
14. dâne — So/Da/BrSo (m.s.)/
SiDa (w.s.)
15. dâne-quearrô (24) — SiSo (m.s.)/SiDa (m.s.)/
BrSo (w.s.)/BrDa (m.s.)
16. dênêrru — Sowi
17. dênêrre (25) — DaHu
18. tcáno — SoSo/DaSo/
SoDa/DaDa
19. daiáre — Hu
20. diaúuru — Wi

(24) — This term may be used for son-in-law and daughter-in-law.
(25) — The term tianái is also used (m.s.).

BIBLIOGRAFIA CITADA

- HUTT, AUDREY, J.
1965 — The Guianas. *Bulletin of the International of Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research*. Vienna, 7:69-90.
- COUDREAU, HENRI
1887 — *La France Équinoxiale: voyage a travers les Guyanes et l'Amazonie*. Paris, Challamel Ainé, V. 2, 495 p. il.
- DINIZ, EDSON SOARES
1965 — Breves notas sobre o sistema de parentesco Makuxí. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, n.s., Antropologia, Belém, 28. 16 p. il.
1967 — Os Makuxí e os Wapitxâna: Índios Integrados ou Alienados? *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*, Vol. 2 (Antropologia): 93-100.
- DUMONT, LOUIS
1953 — The Dravidian kinship terminology as an expression of marriage. *Amn* 53:34-39.
- GILLIN, JOHN
1948 — 'Tribes of the Guiana'. In: *Handbook of South American Indians*. *Bulletin Bureau of American Ethnology*, 143(3):799-860, il.
- HERMANN, LUCILA
1946 — A organização social dos Vapidianos do Território do Rio Branco. *Sociologia*, São Paulo, 8:119-134; 203-215; 282-304.
1948 — A organização social dos Vapidianos do Território do Rio Branco. *Sociologia*, São Paulo, 9:54-84.
- LÉVI-STRAUSS, CLAUDE
1949 — *Les structures élémentaires de la parenté*. Paris. Presses Universitaires de France, 639 p. il.
- MURDACK, GEORGE PETER
1949 — *Social structure*. New York. The Macmillan Co., 387 p.
- NIMUENDAJU, CURT
ms. — Vocabulários Makuxi, Wapicâna, Ipurinã, Kapisana. (Dados do acervo de Nimuendaju, datados de 1928 em Belém, arquivados no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Fornecidos gentilmente pelo Prof. Arion d'Alligna Rodrigues, Chefe do Setor de Lingüística dessa Instituição).

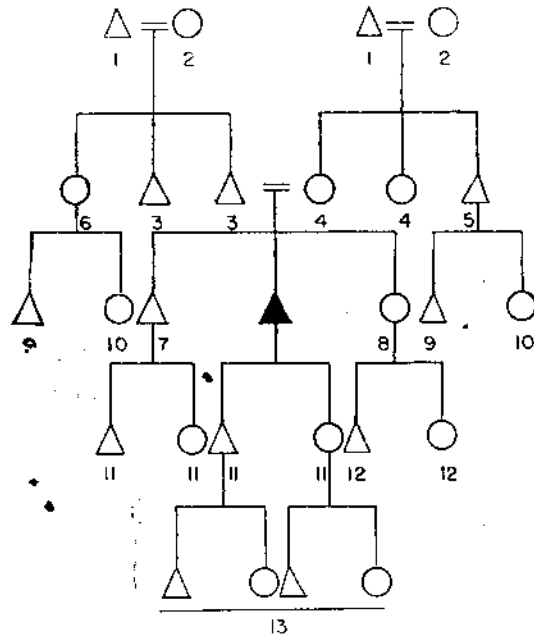
Localização dos grupos locais Wapitxâna referidos no texto



QUADRO I

ESQUEMA DE PARENTESCO CONSANGUÍNEO WAPITXÂNA

(Ego masculino)

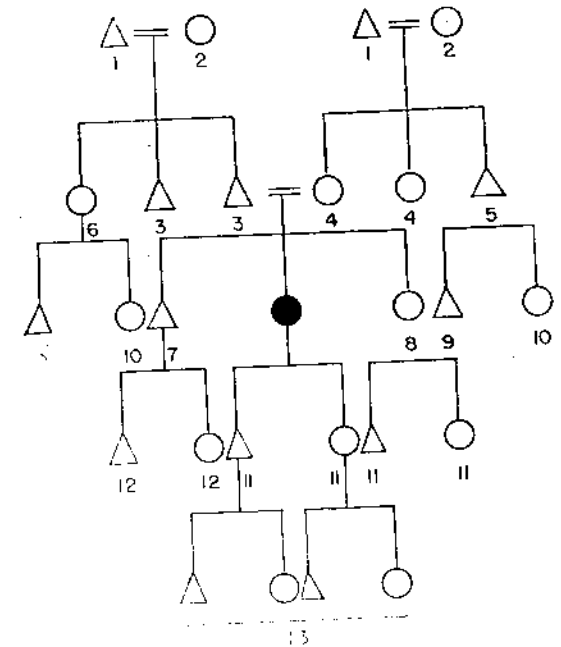


- | | |
|------------|------------------|
| 1. dacúrre | 8. darucu |
| 2. cucúi | 9. naône |
| 3. dáre | 10. ra:nêrru |
| 4. dáru | 11. dáne |
| 5. ta:tai | 12. dáne-quearrô |
| 6. anan | 13. tcáno |
| 7. úrre | |

QUADRO II

ESQUEMA DE PARENTESCO CONSANGUÍNEO WAPITXÂNA

(Ego feminino)

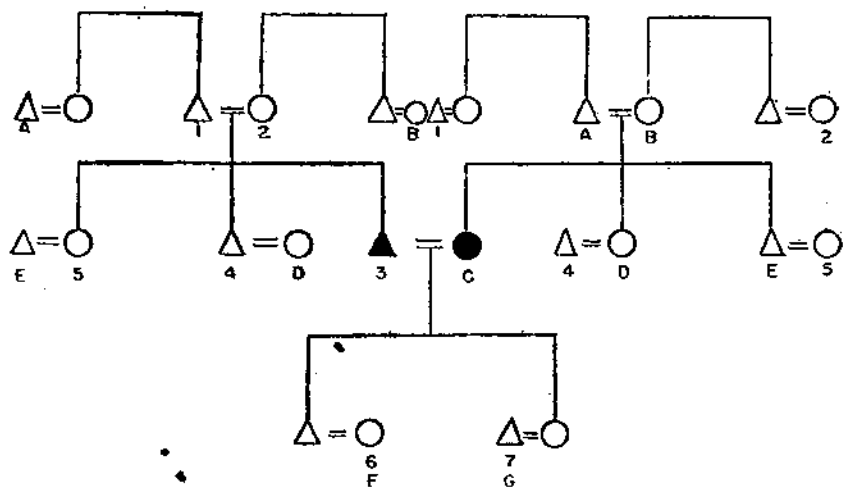


- | | |
|------------|------------------|
| 1. dacúrre | 8. árru |
| 2. cucúi | 9. naône |
| 3. dáre | 10. tiacarô |
| 4. dáru | 11. dáne |
| 5. ta:tai | 12. dáne-quearrô |
| 6. anan | 13. tcáno |
| 7. árre | |

QUADRO III

ESQUEMA DE PARENTESCO AFIM WAPITXÂNA

(Ego masculino e feminino) (*)



- | | | | |
|----|----------|----|---------|
| A. | ta:tai | 1. | ta:tai |
| B. | anan | 2. | anan |
| C. | daiáuru | 3. | daiáre |
| D. | ra:nêrru | 4. | naône |
| E. | naône | 5. | tiacarô |
| F. | dênêrru | 6. | denêrru |
| G. | dênêrre | 7. | denêrre |

(*) — Do ponto de vista do homem (letras) e da mulher (números).